

“Para além das suas fronteiras”: personalidade, conduta pública e trajetórias pequeno-urbanas

“Beyond its borders”: peoasality, public behavior and small-urban trajectories

Manuela Blanc

Resumo: Se a cidade estende seus efeitos para além das suas fronteiras, pode ser pensada e compreendida como contexto cognitivo de repercussões para além da tomada do urbano como objeto ou espaço específico de análise. A “cidade” é real em seus efeitos e impassível de ser ignorada no entendimento das formas de sociação contemporâneas. Os modos de vida urbanos são constructos exemplares, compreendendo formas de sociação complexas e diversificadas, coexistentes entre si e cuja relação mútua varia segundo gradações de distanciamento e proximidade, que incidem sobre a definição de quadros da experiência social ou de situações sociais. Este artigo exercita no ambiente pequeno urbano modos de entendimento dos seus efeitos, não como especificidades da baixa amplitude ou densidade demográfica, mas como um laboratório de análise das formas sociais a partir de uma perspectiva pragmatista. A partir de experiências vividas em um contexto marcado por uma intensa personalidade, objetiva-se apreender os seus efeitos, sentidos e representações sobre diferentes trajetórias e carreiras morais em construção, bem como as fronteiras relativas deste contexto. Se suscetível de identificação nos bairros das grandes metrópoles, ou em diferentes quadros de interação situacionalmente marcados por gradações em termos objetivos e subjetivos, essas condutas não dizem respeito ao pequeno urbano, mas às possibilidades dadas às práticas da vida cotidiana. **Palavras-chave:** situações sociais; alta personalidade; quadros de interação; trânsitos morais.

Abstract: If the city extends its effects beyond its borders, it can be thought of as a cognitive context. Its repercussions can be understood apart from the urban as object or specific space of analysis. If something is real in its effects, therefore impassive of be ignored in understanding the contemporary forms of sociation, that is commonly called "city". Urban lifestyles are instructive examples of social life, including complex and diverse forms of sociation, coexisting with each other. These mutual relationships varies in terms of level of distance and proximity, which reflects on the definition of frameworks of social experience or in social situations. Starting from previous reflections, this article exercises, in a small urban environment, modes of understanding of its effects. It does not mean that its specifics are of low amplitude or population density, but as a laboratory for analysis of social forms from a pragmatic perspective. From "small-urban" lifestyles, this article aims to apprehend its relative borders: the movements as practices of insertion in different social situations, demonstratives of the complexity of social experiences that are able to be experienced. If it is likely to be identified in areas of large cities, or in different frames of interaction situationally marked by levels in objective and subjective terms, these behaviors do not relate to urban small but the practices of everyday life. **Keywords:** social situations; High personhood; frames of interaction; moral transits.

Este artigo se propõe a retomar a dimensão clássica de um posicionamento a partir do urbano: parte da reflexão desse contexto cognitivo como cenário ao desenvolvimento de processos sociais e, mais especificamente, de sociação. Ele reconhece a parcialidade do contexto analítico selecionado, atualizando as premissas válidas para pensá-lo a partir do seu confronto com os dados empíricos coletados. Deste modo, visa-se evidenciar, através de um caso exemplar entre os possíveis, a complexidade e a diversidade com que seus modos de vida se constituem, coexistindo no que se refere às diferentes formas assumidas. Finalmente, parte-se do exercício de análise a partir do

pequeno urbano como ferramenta metodológica. No fim, ao apoiar-se no pressuposto de que ainda não desenvolvemos se desenvolveram os meios apropriados para analisar as pequenas cidades, assim como propõem Bell e Jayne (2006), o entendimento dos modos de vida que nela se desenvolvem já seria por si uma contribuição a oferecer.

Mas, mais do que propor a defesa de outro modelo de urbanidade, objetiva-se ater para uma das suas expressões possíveis, afinal, se a “pequenez” é parte do *habitus urbano*, diz respeito a modos de agir, à autoimagem, às estruturas sedimentadas do sentimento, ao sentido de lugar e às expectativas... “*You are only as small as you think you are – or as other cities make you feel*” (BELL e JAYNE, 2006, p.5).

Retoma-se uma hipótese norteadora fundamental: de que a cidade (mais precisamente o urbanismo – como modo de vida) exerce seus efeitos para além das suas fronteiras (WIRTH, 1979). Se por um lado tal ponto de partida nos reenvia a uma apreensão do urbano como microcosmo da vida social na atualidade, ou do modo de vida urbano como ícone do modo de vida contemporâneo, inspira a refletir sobre a diversidade de efeitos possíveis, ou suas gradações. Mais do que pensar sociologicamente a partir de outras posições (ou “tamanhos”), é interessante analisar seus diferentes horizontes de possibilidades.

Ao destacar que o espírito da grande cidade se caracteriza pela proeminência de uma cultura objetiva, Simmel (1979) sinaliza para o caráter subjetivo que subjaz a tal contexto. Se a hipótese de que, ao estender seus efeitos para além das suas fronteiras, a cultura urbana influencia mesmo as áreas mais ermas ou menos populosas do globo já fora testada, é necessário considerar as gradações com que tais influências se espriam para refletir sobre a variedade de experiências que envolvem. Sendo efeitos “urbanos” ou resquícios “rurais”, o que já não importa definir¹, não é demais considerar que possam coexistir em ambos os níveis de desenvolvimento organizacional e concentração populacional.

A partir de uma análise dos modos de vida “pequeno-urbanos” objetiva-se, portanto, exercitar o movimento inverso e evidenciar, através das suas fronteiras relativas, o extravasar dos efeitos de uma carreira pública construída em um contexto marcado pela pessoalidade como modo de conduta. Serão destacadas nesse movimento as formas de sociação marcadas pela proeminência de uma cultura subjetiva e os modos como a familiaridade, ou a pessoalidade, em suas diferentes gradações de influência, incidem sobre os trânsitos ou circulações como práticas experimentais, exercícios da relatividade² de uma condição cidadina pequeno-urbana.

Exercendo efeitos para além das fronteiras

Inspirado em Reiss, Hannerz destaca que quase nada dos ingredientes fundamentais do contraste rural-urbano se pode supor como elemento universal ou absoluto (REISS JR., 1955, apud HANNERZ, 2015). A ampliação da mobilidade³, deste modo, não é uma característica urbana em si mesma, senão uma função das estruturas de oportunidades que podem estar abertas ou fechadas, tanto na cidade como no campo. A partir das suas diversas participações em diferentes relações relativamente segmentárias e concentradas em domínios particulares, destaca o autor, o cidadão pode aproveitar a acessibilidade dos outros habitantes da cidade em relações que não sejam de trânsito⁴. Se, por um lado, “*o único tipo de heterogeneidade que se encontra em uma relação especial com o tamanho e a densidade do assentamento que caracteriza a cidade é a divisão do trabalho*” (HANNERZ, 2015, p.109), por outro, este contexto encerra experiências tão diversas quanto as posições passíveis de serem ocupadas neste processo.

Partindo de uma análise situacional e da reconstrução das trajetórias de quatro personagens, remontadas levando em consideração as carreiras morais⁵ que assumem em seus contextos de

¹Afirmção esta que em muito nos precede, para tanto ver Hannerz (2015).

²Em analogia à relatividade da experiência cidadina metropolitana, destacada por Machado da Silva e Velho (1977), quanto ao exercício do anonimato.

³Efeito do anonimato nas experiências cotidianas supostas à “condição cidadina”.

⁴Para Hannerz (2015), as relações de trânsito corresponderiam analiticamente a uma forma pura de encontro entre estranhos, resultado do amontoamento de grande número de pessoas em um espaço limitado e que tendem a estabelecer relações tipicamente impessoais. A estas experiências se refeririam a atitude blasée destacada por Simmel (1979) ou de desatenção mútua, analisada por Goffman (2010), porém apontadas por estes atores como típicas a experiência urbana, no primeiro caso, ou características ao modo de conduta em espaços públicos urbanos, no segundo.

⁵Partindo da definição de carreira como a uma série de status e funções, sequências de posições e fatores dos quais depende a mobilidade no interior de uma classe profissional (com base nos estudos de Hughes, 1958) o termo é aqui

sociação, essa proposta analítica visa apreender os efeitos de uma experiência cidadina marcada pela influência de relações de proximidade. Parte-se de questionamentos quanto aos trânsitos e fluxos de circulação entre eventos sociais de diferentes dimensões para então refletir sobre as experiências de quatro personagens cujas trajetórias são marcadas por diferentes práticas de sociabilidade, comportamento e circulação no interior de suas redes de relações.

O pressuposto da visibilidade, ou da sensação de que se é observado, assume um caráter intersubjetivo, podendo refletir em experiências biográficas situadas ou inferir sobre estoques de conhecimento compartilhados. Diz-se, nesse sentido, que a avaliação da situação pelos atores em vias de nela se inserir pode estar pautada em uma estimativa de conhecimento mútuo, ou ser assim reformulada durante o desenrolar do processo sociativo. As experiências cidadinas pequeno-urbanas servem como objeto de observação dado o caráter do estoque de conhecimento acumulado coletivamente, tendo a exposição pública e a discriminação mútua como modos de conduta vigentes. Por outro lado, tal proposta analítica tem como objetivo apreender esses processos situacionais de interação, prototípicos a contextos ou situações sociais marcadas pela proximidade ou familiaridade como regime de engajamento⁶ dos atores entre si e quanto às situações em que se envolvem.

As classificações morais⁷ mutuamente estabelecidas nesses casos incidem sobre a inserção dos atores e são colocadas em movimento por seus agenciamentos. O que define tais quadros⁸, portanto, é o conteúdo do conhecimento mútuo, estabelecido a partir da definição do ajuntamento que o constitui: as reputações ou *cadeias de reputação*⁹ colocadas em movimento pelos atores em copresença. O seu caráter público torna tal contexto de socição ainda mais complexo, pois implica na variabilidade, circulação e dinâmica da composição dos membros em interação.

Foi possível identificar através de experiências de observação flutuante (PÉTONNET, 2009) como as práticas de circulação apresentadas por cidadãos pequeno-urbanos, moradores de um pequeno conjunto de cidades de pequeno porte, localizadas na região Noroeste do Estado do Rio de Janeiro, envolvem percursos intermunicipais. Nesse ensaio analítico, pretende-se lançar algumas pistas sobre os significados e experiências vivenciadas nessas situações de circulação com base em algumas trajetórias individuais, suas práticas de sociabilidade e carreiras morais, para então remontar alguns dos possíveis efeitos da intensa personalidade sobre tais experiências urbanas e seu potencial de mobilidade em termos de trânsito (no sentido que lhe confere HANNERZ, 2015).

Os calendários de eventos de lazer, bem como os circuitos de sociabilidade identificados nesse contexto, extravasam as delimitações administrativas dos municípios em um raio de quinze quilômetros, no que se refere à frequência a bares e restaurantes (mais intensa), podendo alcançar cinquenta ou mesmo cem quilômetros, em ocasiões sociais de maior amplitude, como exposições agropecuárias, shows ou eventos de maior porte (estes menos frequentes). Tais hábitos de circulação aproximam conjuntos específicos de pessoas em termos de conteúdo e tipicidade, mas não se restringem a um tipo de público, podendo ser aplicáveis aos frequentadores de bares e festas, bem como aos frequentadores de restaurantes ou eventos de teor gospel, mesmo que com menor intensidade. Assim, também, dizem respeito a uma questão de acesso, dada a limitação de oferta de

utilizado em referência a Goffman (1998), mas a partir de uma leitura que conecta essas trajetórias a cadeias de reputações como referenciais capazes de se antecipar ao estabelecimento de relações face à face a partir do acúmulo de certa dose de conhecimento mútuo prévio. Tal apropriação conceitual pressupõe ainda que o anonimato não é um jogo de tudo ou nada, assim como o destacado por Hannerz (2015), compreendendo os atos anônimos como atos dissociados de uma apresentação de um eu determinado, alheios a possibilidades de reconhecimento a partir da identificação do sujeito com alguma identidade menos exata, como a etnicidade, a raça, a classe, ocupação, entre outros, ou, segundo os interesses aqui estipulados, os estoques de conhecimento mútuo acumulados, direta ou indiretamente, através do compartilhar de cadeias de reputações.

⁶Definição esta estabelecida em referência à Thévenot (2006) e melhor definida Pessoaalidade e Modos de Vida, texto de apresentação do dossiê no qual está publicado este artigo.

⁷Em referência a Assis (2014).

⁸Com base em Goffman (2011), quadros são aqui definidos como princípios de organização que governam os acontecimentos e nosso envolvimento subjetivo neles, ou princípios conformadores que permitem a definição da situação pelos sujeitos e o entendimento da posição que deverão ocupar em dado contexto ou situação social, ou seu enquadramento.

⁹Redes de parentesco ou afiliação que se constituem como referenciais capazes de se antecipar ao estabelecimento de relações face à face, dado o acúmulo de conhecimento mútuo prévio que propiciam, direta ou indiretamente, e que constituem o próprio conteúdo dessas cadeias de reputação. Essas informações servem como para enquadrar pessoas em situações, segundo a posição que ocupam individualmente, no interior de tais redes ou como um dos seus membros (para maiores esclarecimentos, ver Blanc 2013b).

transporte público em determinados horários e dias da semana, os custos de circulação e consumo e a relação entre a oferta e as diferentes demandas por lazer observáveis. Cabe avaliar se tais práticas de circulação propiciam, finalmente, experiências de trânsito, em termos da variabilidade das situações de copresença cognitivamente expressas em variações entre segmentações, proximidade e superficialidade.

Quanto às condições práticas de circulação, no contexto observado, essas implicam em deslocamentos rodoviários conectando os pequenos núcleos urbanos através de uma estrada estadual e entre estes e seus distritos através das ramificações desta mesma via pública. Apenas uma linha de ônibus presta serviço na região, oferecendo linhas intermunicipais de transporte rodoviário, com um itinerário que se estende linearmente, conectando os municípios maiores e centralizadores de oferta de serviços mais especializados, como hospitais que oferecem serviços de alta complexidade e instituições de ensino superior. Os demais municípios, bairros ou distritos ocasionalmente atendidos por serviços de transportes públicos são conectados entre si por essas mesmas linhas de transporte, com maior intensidade durante o período comercial (com frequência entre hora e meia e três horas de intervalo) e variando ocasionalmente em termos de continuidade, segundo o ponto de início de circulação das linhas ou o seu ponto final – a partir das 5 horas da manhã e até meia-noite.

Os trânsitos intermunicipais entre espaços de sociabilidade e lazer noturno são realizados basicamente por transporte individual, segundo dados de observação e relatos, mas estratégias alternativas foram não apenas identificadas, como se mostraram centrais para a manutenção de tais práticas (e de algumas em especial). O sistema de carona, a oferta de transporte alternativo ou a contratação de serviço de transporte privado são algumas das estratégias acionadas para a garantia de acesso a tais espaços de sociabilidade, mais centrais quanto mais frequentes as ocasiões que permitem acessar.

As caronas viabilizam a manutenção das práticas cotidianas, sendo recorrentes e condicionantes à sustentação de práticas de circulação intensas entre aqueles que não possuem ou têm acesso à meio de transporte individual. Mais do que redes de carona passíveis de serem acionadas entre conhecidos, esses grupos apresentam, entre os interlocutores, uma composição relativamente estável, envolvendo grupos de amigos ou parentes, mais ou menos disputados segundo o calendário de lazer e, possivelmente, variantes segundo o itinerário, mas compostos segundo laços de proximidade. A força dos laços se soma à afinidade em termos de estilos de vida, os dois tipos de vínculo se fortalecendo mutuamente.

A posse de um meio de transporte individual, nesse sentido, garante uma posição diferenciada, maior autonomia no que se refere à escolha do destino, bem como melhor status perante os pares. Por outro lado, tais circulações respondem a fluxos que refletem o calendário regional de ofertas de lazer, esse marcado por uma baixa diferenciação em termos de conteúdos regulares e por uma relação relativamente cooperativa entre cidades ou pontos de sociabilidade, quando da oferta de eventos de grande porte.

As demais alternativas de transporte coletivo são acionadas ou acessíveis de forma mais restrita, durante grandes ocasiões sociais. Enquanto a oferta de transporte alternativo por empreendedores ou empresas locais é comum durante grandes festejos especificamente centralizados em determinado ponto deste circuito de sociabilidade, o aluguel de transporte coletivo é uma iniciativa acionada por grupos ou instituições interessadas em um tipo de conteúdo de lazer específico, ainda menos frequentes.

Tais espaços públicos¹⁰ de lazer, também integrados ou compostos por alguns estabelecimentos comerciais, são, porém, acessíveis a determinados públicos. São abertos aos interessados, estão disponíveis, e envolverão custos mais ou menos dispendiosos de acordo com os gastos individuais com consumo, exclusivamente, em certos casos; ou com este somado ao custeio do acesso, em situações mais específicas. Os grandes deslocamentos são menos frequentes, bem como são menos regulares as ocasiões que os justificam, sendo, portanto, mais limitados em termos de acesso e, muitas vezes, em sentido propriamente monetário. Mais do que os custos monetários, interessa o fato de envolverem custos práticos, em termos das energias despendidas e dos engajamentos dispensados. Vale avaliar em que implicam tais experiências de circulação do ponto de vista das experiências práticas vivenciadas.

¹⁰Definidos como espaços de fluxos e de encontros, de estabelecimento de relações de copresença, com base em Goffman (2010). Para maiores esclarecimentos, ver *Pessoalidade e Modos de Vida – Apresentação*, neste dossiê.

Partindo da categoria *circuito* e da sua definição como uma referência sócio-espacial inter-subjetiva, que “une estabelecimentos, espaços e equipamentos caracterizados pelo *exercício de determinada prática* ou *oferta de determinado serviço*, porém não contíguos na paisagem urbana, sendo reconhecidos em sua totalidade *apenas pelos usuários*” (MAGNANI, 1996, p.23, grifos nossos), pode-se inferir que a variabilidade na composição dos frequentadores dos espaços que nele se inserem é proporcional à especificidade do seu conteúdo, bem como à amplitude do seu alcance. Quão mais específico é um circuito de sociabilidade em termos das práticas que encerram ou os serviços oferecidos, menor tenderá a ser a variabilidade do seu público em diferentes ocasiões, ao menos quanto ao seu tipo.

Fora observado, por exemplo, como frequentadores *habitués* dos circuitos de sociabilidade erótica nas cidades do Rio de Janeiro e Paris dominam o mapa urbano de oferta desses serviços, estabelecendo percursos no interior dessas *manchas* de sociabilidade, nos termos de Magnani (1996), segundo as diferentes categorias de estabelecimentos comerciais com as quais se identificam. Os relatos obtidos nessa experiência de pesquisa evidenciaram como a frequência a um determinado conjunto de espaços torna seus frequentadores recorrentes relativamente conhecidos entre si, apesar dos efeitos dos fluxos de circulação sobre a variabilidade da composição dos seus frequentadores. Mesmo entre desconhecidos, observou-se como são capazes de se reconhecer mutuamente quanto ao grau de familiaridade com relação às práticas compartilhadas (BLANC, 2013a).

Se por um lado a circulação no interior do circuito intermunicipal de lazer agora analisado possibilita uma maior variabilidade na composição dos grupos em copresença, em comparação com os circuitos mais locais, essa variabilidade é limitada dada a relativa restrição em termos de acessibilidade que o caracteriza, seja pela restrição de conteúdo ou do potencial de circulação dos possíveis interessados. Se para os atores mais móveis esses encontros possibilitam a construção de reputações intermunicipais consolidadas, tornando mesmo os espaços mais longínquos menos impessoais, dados os reencontros entre frequentadores, aqueles que circulam com menos intensidade, quão mais distantes estiverem da sua cidade de moradia, não serão necessariamente anônimos, graças aos conterrâneos ou conhecidos possivelmente presentes.

O exercício do anonimato, desse modo, se mostra tão mais raro quanto maior o potencial de acesso dos atores; há circulação, mas esta não necessariamente se concretiza como *mobilidade* entre mundos sociais, ou uma experiência de *trânsito* entre classes diferentes de situações. Ainda assim, cabe avaliar a diversidade de experiências cidadinas experimentadas em tal contexto e concretizadas em diversas trajetórias individuais e modalidades de carreiras morais.

Remontando trajetórias morais e experiências pequeno-urbanas

Daniela e Miguel são irmãos e jovens estudantes universitários. Nascidos no Rio de Janeiro, mas criados no interior, apresentam em suas trajetórias mais recentes a experiência de migração estudantil, cada um em direção a um dos três municípios de tamanho médio que exercem o papel de pólos universitários na região, e ambos estabeleceram moradias coletivas nessas localidades, em companhia de outros estudantes. Essas moradias são compostas ainda nessa fase de migração estudantil – entre um e dois anos e meio após a saída da casa familiar, respectivamente – por jovens originários da mesma região, em consonância com os dados obtidos entre universitários em pesquisas anteriores (BLANC, 2007, 2009¹¹). O que chama atenção em suas práticas é o hábito de retornar para a casa em que viviam com os pais, todos os finais de semana, permanecendo na cidade em que estudam exclusivamente durante os dias em que se concentram suas aulas.

Em trabalhos anteriores, fora observada como a prática de sociabilidade entre moradores de repúblicas pode incidir sobre um calendário de lazer na cidade em que estão localizadas as instituições de ensino superior que responde à dinâmica universitária, reflexo dos fluxos de retorno às casas familiares apresentados pelos estudantes aos finais de semana ou férias. Ao mesmo tempo, os estudantes entrevistados nessa ocasião demonstraram valorizar as experiências na nova cidade de moradia em função do exercício de uma maior autonomia ou quiçá liberdade individual, esse retorno à casa familiar sendo percebido como momento de relativo retrocesso à condição de coabitação com os pais: marcada pela vigilância, pelos horários e pelo exercício da autoridade familiar, mesmo que então fragilizada (BLANC, 2007, 2009).

¹¹Nessas ocasiões, observou-se que a composição das moradias coletivas universitárias tendia, sobretudo no primeiro momento, de afastamento do núcleo familiar, a ser formadas entre jovens conhecidos entre si, senão conterrâneos ou originários de cidades vizinhas; e a proximidade, mesmo que relativa, incidindo sobre a seleção dos membros dos grupos.

Miguel e Daniela são jovens que apresentavam uma alta intensidade de circulação, antes mesmo do afastamento geográfico do núcleo familiar. Os jovens já tinham o hábito de frequentar festas, ir a bares e sair de carona com seus colegas em direção às cidades vizinhas, apresentando certa autonomia na tomada de decisão quanto aos lugares a serem frequentados e os horários de saída e retorno, já anos antes da saída de casa. A questão é que, se para os jovens estudantes anteriormente entrevistados, o novo contexto de habitação representara ao menos uma extensão espacial e temporal de suas práticas de lazer, senão assumindo uma posição central nesse sentido, o casal de irmãos apresenta uma continuidade de hábitos de circulação mesmo após a “saída de casa”, como se o afastamento, familiar e do local de origem, não tivesse produzido uma expansão significativa do seu potencial de *mobilidade*. Ou tal expansão não fosse percebida de modo positivo.

Esse afastamento causara enorme impacto entre os interlocutores anteriormente entrevistados, se refletindo em alterações nas práticas religiosas, inclusive, mesmo entre aqueles que apresentavam intenso engajamento em suas igrejas antes da saída da casa familiar. A ampliação das suas redes de relações após a entrada na universidade implicara na *ampliação dos seus horizontes*, em sentido prático e intersubjetivo, em um processo de autonomização e individualização que incidia diretamente sobre suas práticas de retorno à cidade de origem, território de exercício da autoridade familiar (BLANC, 2007). Do mesmo modo, fora possível perceber que a construção de novas redes de sociabilidade era uma ferramenta de consolidação da experiência universitária, envolvendo o estabelecimento de práticas de lazer e circulação na nova cidade, e alterações nos padrões de sociabilidade e comportamento (BLANC, 2009).

Curiosamente, o casal de irmãos percebe as suas novas cidades de moradia temporária como espaços com os quais constroem uma relação puramente utilitária, e não lúdica, ao contrário do identificado nas demais trajetórias juvenis analisadas. O que não significa que apenas estudem lá, mas que a sua permanência no local é garantida quase que exclusivamente pelo calendário de estudos, em um sentido muito mais crítico do que o observado anteriormente.

Questionados informalmente quanto ao seu modo de lidar com esses contextos, ambos sugerem perceber suas “novas cidades” como impessoais e os novos conhecidos como pessoas com as quais não podem contar. *Lá é muito estranho*, disse o rapaz, *you know the people, but it's not "aquela coisa", ninguém se importa com você*, completou, de forma imprecisa. Daniela diz que retorna para a casa dos pais para *encontrar os amigos*, sugerindo que sua rede de relações não fora significativamente ampliada no novo contexto de moradia. Suas redes atualmente mesclam estudantes universitários conterrâneos com os quais coabitam ou compartilham experiências semelhantes e os demais amigos, membros das suas redes de socialização primária, basicamente. Na verdade, ambos reverteram membros da sua rede primária de relações em função da formação da secundária, estendendo esses laços através do vínculo estudantil universitário, ao invés de estabelecer outros contatos.

Essas experiências e práticas não são tão incomuns entre os demais jovens da sua localidade de origem, cujas trajetórias podem ser remontadas com base em observações flutuantes, mas destoam da média de interlocutores anteriormente acionados nas pesquisas desenvolvidas com esse público específico, sobretudo quando observadas em longo prazo (ver BLANC, 2015). A comparação das trajetórias e relatos desses dois estudantes com as dos demais universitários entrevistados é ainda mais elucidativa se levadas em consideração suas cidades de origem.

Em comparação entre jovens provenientes de cidades grandes ou regiões metropolitanas e jovens de cidades pequenas, o perfil de circulação e as representações sobre o novo contexto de moradia apresentados por Miguel e Daniela se aproximam mais daquele identificado entre os primeiros do que entre os segundos. O casal de irmãos percebe e discorre sobre os dois contextos em sentido inverso ao observado anteriormente entre estudantes universitários, segundo padrão comparativo entre a amplitude da cidade de origem/destino de estudos. É a pequena cidade de interior que ocupa centralidade em suas vidas práticas, proporcionando experiências valorizadas em suas falas.

Nesse mesmo contexto, é interessante contrapor tais percursos com as trajetórias de outros cidadãos pequeno-urbanos, para mapear os significados das experiências vividas e os modos como estas são representadas, segundo as posições ocupadas por diferentes atores.

Carla se mudou para uma cidade vizinha ao local de moradia dos pais de Miguel e Daniela há mais de vinte anos, junto com o marido, também carioca. Ali se estabeleceu, assumiu cargo público, teve e criou os filhos. Resume suas impressões sobre o lugar se referindo à expressão *coisas de Itaocara* e sempre com um sorriso de quem não cansa de se impressionar com o que ainda lhe parece

novo. A intensa personalidade, com a qual se depara nas mais diversas situações cotidianas, é o eternamente novo nesse contexto para Carla, que mantém próximo apenas um ativo e relativamente diversificado círculo de amigos íntimos, apesar dos anos na cidade e de já conhecer e ser conhecida *por todos*. Não é o número de membros da sua rede pessoal de relações que a diferencia de uma moradora nativa típica da cidade, mas o grau de intimidade com que lida com aqueles nos quais confia e a clara diferenciação estabelecida entre estes e os demais conhecidos com os quais convive e pode ocasionalmente circular.

Carla é reservada, diriam os locais, mesmo que próximos a ela. Seria o típico cidadão cujo papel exercido e posição ocupada incide sobre os modos como administra suas múltiplas relações com seus “muitos próximos”¹², aproximando-se, quando espaços públicos, mais de um posicionamento de e reserva do que de discriminação mútua contínua.

Seu assunto, quando entre amigas, em sua maioria também *estrangeiras*, é o quanto não se tem privacidade na cidade, e seu ponto de encontro ideal, quando sai com elas, é algum bar pouco frequentado em qualquer lugar mais ou menos próximo. Saem pouco e, quando entre amigas, preferencialmente em direção ao local mais ermo possível no dia do encontro. Buscam-se diversão, buscam estar fora do circuito. A prática mais recorrente entre elas, finalmente, é um encontro privado, em uma das suas casas, às vezes inacessível aos próprios maridos. Mas Carla se separou e, em menos de um ano, já fazia planos de se mudar com os filhos.

A trajetória de Carla não é incomum, em se tratando de uma estrangeira, categoria esta que a classifica não apenas quanto à sua origem, mas quanto à posição que ocupa, até hoje, em seu contexto de moradia. O que interessa destacar é o sentido que a personalidade assume a partir da sua trajetória, compartilhada em termos de representações quanto à experiência de vida no local, e os modos como esta se articula com a trajetória das amigas.

Enquanto que para Miguel e Daniela retornar é reconstituir um modo de lidar com o outro altamente valorizado, para Carla e suas amigas, é sinônimo de falta de privacidade e liberdade. Para elas, o simples fato de serem vistas em uma mesa de bar deve ser objeto de controle. Importa onde se é visto, com qual frequência e de que modo. Se, para Miguel e Daniela, circular é sinônimo de uma trajetória valorizada, integrada e positiva, para Carla, estar na rua é se expor. A exposição e a circulação são assim percebidas de modos absolutamente ambivalentes. A experiência cognitiva que em um caso produz um sentimento de estabilidade e segurança, no outro, é sentida como um peso ou um aprisionamento, desestabilizando a trajetória individual.

Pode-se inferir, como pistas a serem aprofundadas, de que modo as diferentes experiências implicam no distinto desenvolvimento de determinadas competências por diferentes atores e o momento da vida em que isso ocorre. Todos esses casos superficialmente levantados envolvem estrangeiros, mas suas trajetórias no local se diferenciam quanto à fase da vida em que se inseriram nesse contexto, bem como aquela em que se encontram. Os modos como se constroem as suas diferentes reputações e as expectativas que lhes são imputadas, relacionadas, nesses casos, à fase da vida dos atores, assim como aos lugares ocupados por estes, também contribuem para o entendimento dos diferentes sentidos atribuídos às experiências vividas.

Por outro lado, experiências de migração na fase adulta da vida, relativamente comuns entre moradores dessas localidades e em direção a contextos urbanos de maiores dimensões, ajudam a compreender melhor a relação entre as experiências vividas e os sentidos atribuídos a elas e o modo como ambos se relacionam aos efeitos da personalidade sobre trajetórias de vida e carreiras morais. Estes casos sugerem uma relação paradoxal entre o desejo de liberdade e o desafio de lidar com o desconhecido.

O sair é assim expresso como sinônimo de sucesso, mesmo entre aqueles que ficam, e o permanecer fora como projeto consolidado de individualização, do ponto de vista daquele que não retorna. A experiência migratória pode se consolidar em um projeto bem sucedido de autonomização individual, neste caso das próprias redes de reputação e das relações de proximidade que fomentam, ou gerar movimentos cíclicos de retorno para o local de origem, em certos casos conscientes das vantagens que nele se colocam. Mas não trabalharemos com um caso mediano, e sim com um caso extremo, dada a abrangência da reputação do ator que nos serve de caso exemplar entre os possíveis, bem como a trajetória moral que construiu em seu contexto de origem.

¹²Um caso de *regulação de acesso* no sentido que lhe é atribuído por Hannerz (2015, p.128).

Giovana é natural da cidade em que vive Carla, seus pais são originários de cidades próximas, mas criaram os filhos no local, tendo construído uma carreira pública consolidada nas últimas três ou quatro décadas, incluindo uma reputação de amplo alcance garantida pela vida política do pai e por sua atuação empresarial local. A moça é uma profissional qualificada, formada na capital e que experimentou uma vivência universitária muito semelhante àquela de Miguel e Daniela, com retornos contínuos à casa familiar e a manutenção das redes de relação anteriores à entrada na universidade, com poucas exceções. Permaneceu fora ainda algum tempo após se formar, fazendo cursos e trabalhando, até que retornou para a cidade; mas, apesar de ter se especializado na mesma carreira do pai, tentou uma trajetória profissional autônoma em um primeiro momento. Giovana é lésbica e encarou durante boa parte da sua trajetória o desafio de manter suas práticas e relações amorosas em segredo, o que envolvia um esforço ainda maior, dado o fato de ter se envolvido basicamente com conterrâneas, mesmo durante o tempo em que morou fora.

Voltar definitivamente para casa, após os anos de graduação e um período curto de exercício profissional na cidade em que se graduou, tornou mais difícil a manipulação da sua imagem perante a família, o que se traduz nas suas escolhas profissionais, após o retorno, como um esforço por autonomização, daí a opção por trabalhar como funcionária em uma empresa, ao invés de se integrar à empresa paterna. Foi cobrada pela família nesse sentido, dada a expectativa de que se engajasse ao empreendimento familiar. Ao mesmo tempo, a moça fora confrontada em diferentes momentos da sua vida quanto à sua orientação sexual, a cada boato, a cada amizade indesejada ou suspeita.

Em dado momento, Giovana sucumbe às pressões e decide que a melhor opção é revelar sua orientação sexual para os pais, mas entende que essa revelação implica em uma ruptura e requer um afastamento. Escolhe uma cidade fora do circuito regional em que fora criada, consegue um emprego, aluga uma casa e, de malas prontas, *assume*¹³ para a família que é homossexual, já com a data da mudança estabelecida e próxima. Ela se muda, sem resistência ou proposição de alternativas pelos seus familiares, e, pela primeira vez em sua trajetória, se afasta de fato dos seus círculos de sociabilidade de origem, fisicamente e por períodos mais prolongados.

Assim, Giovana se mantém distante por aproximadamente um ano, mas continuamente queixosa quanto às dificuldades do distanciamento, sentidas em termos financeiros e interpessoais. Não rompeu com seus pais, mas assumiu, definitivamente, a posição que lhe rondou por toda a sua vida: a de filha desviante cujas práticas devem ser mantidas em segredo em nome da reputação de todos. A nova cidade não é muito maior que a de origem, mas lhe parece mais cara, menos acessível, mais desconhecida e mais solitária. Durante esse intervalo de tempo, o relacionamento amoroso entra em crise, a vida no novo contexto de moradia lhe parece insustentável e a moça retorna.

Vai finalmente trabalhar com o pai, mas não morar na casa paterna. Retoma sua rede de relações anterior à saída de casa, agregando novos amigos da sua rede de sociabilidade, agora, mais do que nunca, marcada por sua orientação sexual: uma rede regionalmente setORIZADA, igualmente construída em percursos compartilhados, entremeados ao circuito de sociabilidade local da cidade de origem. Manter-se fora foi objetivante demais, mas o retorno exige ajustamentos capazes de conjugar a posição ocupada, no interior da cadeia de reputação da qual faz parte, como membro de uma família notória, aos aspectos desviantes da sua carreira moral individual.

Giovana conecta as demais trajetórias aqui apresentadas, sucinta e superficialmente, conferindo pistas para uma avaliação dos efeitos e sentidos atribuídos à personalidade sobre a construção de experiências cidadinas. Não é possível reduzir nenhuma dessas experiências remontadas a uma única forma típica, mas é possível remontar, através delas, alguns dos efeitos da proeminência de uma cultura subjetiva sobre diferentes trajetórias individuais, conferindo destaque para a complexidade com que tais experiências se constroem; não como simples reflexos da constituição cognitiva dos contextos, mas como resultado de um conjunto complexo de elementos que envolvem posicionamentos observáveis em diferentes níveis e gradações, bem como situacionalmente variantes.

Com Miguel e Daniela, Giovana compartilha o gosto pelas relações próximas e pelo modo de vida pessoalizado. Com Carla, o peso de uma reputação a zelar e cuja manutenção exige o controle das suas ações. Esses atores se diferenciam menos pela abrangência das suas reputações (ou

¹³O termo é utilizado em referência ao contexto em que a moça revela a sua orientação sexual para a família, após anos de questionamentos diretos e indiretos por parte dos pais, e com base na categoria utilizada pela mesma ao tratar desse momento.

das suas cadeias de reputação) do que pelos efeitos desta para o exercício das suas práticas cotidianas ou pelos modos como esse peso incide sobre os significados atribuídos à realidade em que vivem.

Considerações sobre uma agenda de pesquisa

O caráter objetivo com que a proeminência de uma cultura subjetiva incide sobre essas trajetórias é passível de ser remontado a partir de suas experiências de circulação, bem como dos efeitos que esta circulação apresenta na prática, como experiências de ampliação da mobilidade (envolvendo trânsitos entre meios sociais propriamente ditos) ou de construção e reforço de suas reputações públicas.

Ter potencial de circulação, graças a uma condição material, prática e objetiva, ou inter-subjetiva, dado o acesso conferido por uma reputação valorizada e amplamente compartilhada, não significa ter mobilidade, vide os casos analisados. A circulação nem sempre se traduzirá em diversidade de experiências ou no possível exercício de diferentes faces de si.

As evidências já apontadas nas diferentes experiências de pesquisa aqui remontadas sugerem, sob influência de Magnani (1996), que práticas de sociabilidade pautadas em conteúdos específicos incidem sobre a circulação em percursos delimitados, propiciando reencontros entre cidadãos que compartilham de gostos ou estilos de vida. Deste modo, pode-se inferir que, basta a recorrência do hábito, para que relações de trânsito se revertam em relações significativas, de reconhecimento mútuo e proximidade, mesmo que relativa. Ou seja, que práticas de sociabilidade pautadas em conteúdos específicos, ou desenhadas a partir de percursos marcados por uma baixa variabilidade de ofertas, propiciam reencontros e, progressivamente, o (re)conhecimento entre os atores em copresença. Nas trajetórias aqui analisadas, o que se observa são diferentes modos de lidar e compreender os efeitos dessa recorrência de encontros, seja em termos da construção de uma reputação pública, sua manutenção ou significado. Também porque esses efeitos incidem de modos diferentes nas carreiras morais desses atores e, potencialmente, em suas cadeias de reputação.

A proeminência de uma cultura objetiva, mapeada desde Simmel como experiência cidadina arquetipicamente impessoalizada, de nivelamento, mas mais livre, porque aberta ao exercício de diferentes eus especiais (já em Goffman, 1975), aqui demonstra seu potencial inverso, mas nem por isso oposto ou mesmo passível de generalização. Ela se concretiza em estoques de conhecimento compartilhados, sendo, portanto, mais complexa em termos das práticas vivenciadas. O imperativo da objetividade pode ser dado, senão como atitude blasée, de reserva e distanciamento, como discriminação contínua e ininterrupta dos atores em situação, como interpelação à reciprocidade e ao enquadramento dos atores. O *ver e ser visto, conhecer e ser conhecido*, implicando em fluxos igualmente intensos, marcados por uma variabilidade de fontes de estímulo passíveis de serem administradas. O que se diferencia é o modo de administração, reflexo do modo como a personalidade se expressa como experiência vivida, variante segundo as posições ocupadas e as carreiras morais em construção.

Carla e suas amigas o administram buscando a invisibilidade que lhes garante reserva e liberdade, Miguel e Daniela usufruem da exposição pública, alimentando as suas reputações e fortalecendo suas redes de relações como meios de manutenção das suas práticas de sociabilidade. Giovana mescla ambas as trajetórias, retornando para os laços de proximidade que lhe conferem estabilidade e estabelecendo novos percursos urbanos, capazes de lhe garantir administrar a sua reputação pública, por um lado, e suas relações de proximidade, por outro. Voltar para a cidade de origem exigiu de Giovana o engajamento a empreendimentos contínuos de afirmação de si, capazes de permiti-la gerenciar a posição que ocupa no interior desse quadro e a autonomia que deseja, ao menos relativamente.

Se, por um lado, a trajetória desviante de Giovana¹⁴ a levou a uma ruptura inicial, em nome da manutenção da reputação da cadeia da qual faz parte; a partir da reconstrução da sua trajetória, ela estabelece um equilíbrio compensatório, envolvendo o seu engajamento na empresa da família e o estabelecimento de novas práticas de sociabilidade, cada vez mais restritas a contextos privados e círculos íntimos. Por outro lado, Kátia vivenciou um processo cíclico, alcançando certa estabilidade ao longo da construção da sua carreira moral na localidade e só se deparando novamente com a

¹⁴Com relação à sua cadeia de reputação, as expectativas geradas e a posição que passou a ocupar ao longo da sua trajetória dentro desta rede de relações.

crítica em potencial após o fim do seu casamento, que motiva o seu projeto migratório, sendo pensado ainda como a única alternativa para uma reconstrução positiva da sua trajetória.

Miguel e Daniela, finalmente, constroem e mantêm a condição de notórios que possuem em seus círculos, não se sentem confrontados com relação ao modo como se comportam e relacionam, conseguindo administrar suas práticas de sociabilidade e circulação sem que essas se choquem com a imagem que possuem. São jovens e vivenciam a sua juventude nos moldes dos demais jovens da localidade, sequer tendo as modificadas significativamente após a entrada na universidade. Retornam para serem vistos e terem o que observar. Retornam para as festas, para o clube, para os bares e para as suas redes de relações.

É necessário refletir para o momento da vida que vivenciam nesse sentido e que, nesse caso, confere efetividade para seus hábitos e práticas. Se, para Carla, ser vista no bar pode ameaçar a sua reputação de mãe e esposa, o fim do casamento a deixa ainda mais vulnerável, alimentando rumores quanto à história vivida e quanto aos seus próximos capítulos. Ir embora é uma opção que ela começa a considerar. Giovana voltou. O caminho da sua autonomização individual envolveu o seu retorno à cidade natal, e a competência adquirida diz respeito ao suave equilíbrio na corda bamba em que viveu por quase toda a sua vida.

Entre os referenciais que constituem os quadros de uma experiência social marcada pelo conhecimento e discriminação mútuos e os modos como se concretizam em experiências vividas, influem as posições ocupadas pelos atores em diferentes situações, estas, por seu turno, refletindo os laços estabelecidos entre estes e seus próximos, e todos, conjuntamente, como membros de uma mesma cadeia de reputação.

Se, por um lado, a experiência cidadina aqui serve como esboço para a construção de um roteiro de reflexões, os dados obtidos contribuem mais para colocar em questão a tipicidade do urbano, seja qual for sua forma, proporção, densidade ou diferenciação, do que para contribuir para o entendimento do que está além da tipicidade ou do próprio urbano.

Se, para o cidadão, a cidade representa um excedente de pessoas que não formam parte alguma de suas relações mais significativas (HANNERZ, 2015), estas podem constituir um *inventário de possíveis próximos*. Se o diferencial deste contexto está dado na diversidade de ofertas que disponibiliza, os percursos que nele se constroem, a partir de circuitos de lazer e sociabilidade, potencializam a construção de vínculos por identificação, unindo por gosto e estilo de vida e propiciando relações próximas em meio ao mar de anônimos.

Referências Bibliográficas

ASSIS, Renan. Regiões morais urbanas: a cidade como um complexo de classificações morais. In: *XI Congresso Argentino de Antropologia Social (XI CAAS)*. Grupo de trabalho: GT51-Moralidades em las ciudades de la periferia, Rosário, Argentina, 2014.

BELL, David; JAYNE, Mark. *Small cities: urban experience beyond the metropolis*. Nova York: Routledge, 2006.

BLANC, Manuela. Individualização juvenil: um estudo em trajetória entre (ex) moradores de repúblicas estudantis. *Revista Sinais*, vol. 2, n. 18, p. 42-68. 2015.

BLANC, Manuela. *A sociabilidade e o lazer erótico como forma social nos contextos urbanos das cidades do Rio de Janeiro e Paris*. Tese (Doutorado em Sociologia Política). Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, Campos dos Goytacazes - RJ, 2013a.

BLANC, Manuela. Aonde ninguém é Zé Ninguém: a experiência cidadina na pequena cidade, a

notoriedade compartilhada e suas as repercussões sobre um modo de vida "urbano". *37º Encontro Anual da ANPOCS*, Águas de Lindóia, 2013b.

BLANC, Manuela. *O desafio de vir a ser: jovens universitários, moradias coletivas e identidades*. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2009.

BLANC, Manuela. *Ampliando Horizontes: jovens universitários e a (re) construção de valores a partir da vivência em moradias coletivas*. Monografia (bacharelado) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Centro de Ciências do Homem, 2007.

BURGESS, Ernest W. O crescimento da cidade: introdução a um projeto de pesquisa. In: Donald Pierson (Org.). *Estudos de ecologia humana: leituras de sociologia e antropologia social*. São Paulo: Martins, 1948.

CASTELLS, M. *A questão urbana*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

- GOFFMAN, Erving. *Os quadros da experiência social. Uma perspectiva de análise*. Petrópolis, Editora Vozes, 2012.
- GOFFMAN, Erving. *Ritual de interação. Ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- GOFFMAN, Erving. *Comportamento em lugares públicos: notas sobre a organização social dos ajuntamentos*. Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1998.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Vozes, 1975.
- HANNERZ, Ulf. *Explorando a cidade: em busca de uma antropologia urbana*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- HUGHES, Everett C. *Men and their Work*. Westport, 1958.
- LÉFÈBVRE, Henri. *A Revolução Urbana*. Belo Horizonte: EDUFMG, 2004.
- LÉFÈBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.
- MACHADO DA SILVA, L. A. e VELHO, Gilberto. Organização social do meio urbano. In: Roberto Cardoso Oliveira (dir.) *Anuário Antropológico 76*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade. In: Magnani, J. C. e TORRES, L. L. (Orgs.) *Na metrópole – Textos de Antropologia Urbana*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- ONU. *World Urbanization Prospects: The 2014 Revision*. Department of Economic and Social Affairs, Population Division. New York, 2015.
- PARK, Robert. *La ciudad y otros ensayos de ecología urbana*. Barcelona, España: Ediciones del Serbal, 1999.
- PARK, Robert. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: Velho, Otávio Guilherme. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- PARK, Robert. A comunidade urbana como configuração espacial e ordem moral. In: Colette Pétonnet. *Observação Flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense*. In: *Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia*. Niterói, RJ: EdUFF, 2009.
- SIMMEL, George. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). *O fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- SIMMEL, George. O estrangeiro. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.
- THÉVENOT, Laurent. *L'Action au pluriel. Sociologie des régimes d'engagement*. Paris : Éditions la Découverte, 2006.
- WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. Tradução de SÉRGIO MAGALHÃES SANTEIRO. In: Otávio Guilherme Velho (Org.). *O fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.